



OLIMPÍADA FILOSÓFICA: ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA DE VÍDEOS PRODUZIDOS POR ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Eixo 08 - Metodologias da Pesquisa em Educação e Comunicação

José Carlos FERNANDES ¹
Juliana Messias GOSS ²

RESUMO

A valorização das vivências conduz o aluno ao protagonismo na aprendizagem. O padrão de que o professor fala e o discente apenas escuta costuma ser apontado como um gatilho de afastamento do jovem da escola. Por outro lado, o uso do audiovisual pode ser uma forma de reverter isso. O cinema pode ampliar a função social da escola de produzir cultura. Em Curitiba, a Olimpíada Filosófica promove uma mostra de vídeos de estudantes do ensino médio produzidos nas aulas de Filosofia. A análise crítica da narrativa, proposta por Motta, tende a ser um instrumento para análise dos vídeos, que revelam o refinamento do olhar para diferentes aspectos da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Educação; Audiovisual; Ensino Médio; Filosofia.

ABSTRACT

The valorization of experiences leads the student to the protagonism in learning. The pattern that the teacher talks about and the student just listens to is usually pointed out as a trigger for the youngster's removal from school. On the other hand, the use of audiovisual can be a way to reverse this. Cinema can expand the school's social function of producing culture. In Curitiba, the Philosophical Olympiad promotes an exhibition of videos of high school students produced in Philosophy classes. The critical analysis of the narrative, proposed by Motta, tends to be an instrument for analyzing the videos, which reveal the refinement of the look at different aspects of reality.

KEYWORDS: Communication; Education; Audio-visual; High School; Philosophy.

¹ Universidade Federal do Paraná – UFPR; Doutor em Estudos Literários – UFPR; professor do PPGCOM-UFPR e vice-líder do Grupo de Pesquisa Click; e-mail: zeca@ufpr.br

² Universidade Federal do Paraná – UFPR; Mestra em Comunicação e Formações Socioculturais no PPGCOM-UFPR; Jornalista e pesquisadora no Grupo Click; e-mail: julianagoss@gmail.com



1 Introdução

Na construção da aprendizagem de cada etapa da vida escolar, as vivências dos jovens poderiam somar de forma única ao currículo. São as experiências das juventudes que enriquecem o dia a dia da escola. As relações nos grupos sociais e as descobertas poderiam se tornar ferramentas pedagógicas — multiplicando o desenvolvimento do protagonismo —, mas quase sempre acabam distanciando ainda mais o jovem do cenário escolar. O caminho feito pelos estudantes muitas vezes segue em uma direção oposta à da escola.

O educador e filósofo Paulo Freire defendia a importância de se ensinar o discente a ler o mundo e os seus contextos para aí então ser protagonista dele. Aconselhava que o professor deveria, sempre que possível, “conhecer as experiências extraescolares de seus alunos, o que é que eles fazem, como fazem, como brincam, como trabalham etc” (FREIRE e GUIMARÃES, 2013, não p.). Portanto, a escola, antes de tudo, deveria dar condições para que o jovem se tornasse protagonista da sua própria vida e um ser capaz de transformar a comunidade onde vive. O discente deve ser estimulado a "aprender a aprender" (FREIRE e GUIMARÃES, 2013). No entanto, quando se coloca na contramão desse princípio, a estrutura educacional brasileira por vezes acaba acentuando desigualdades, ao negar a diversidade dos educandos e não incorporar as diferentes perspectivas das juventudes na dinâmica pedagógica (DAYRELL, CARRANO e MAIA, 2014).

Não é mais possível sustentar o aprendizado unilateral. O padrão seguido por séculos de que o professor fala e o discente escuta não serve mais no contexto das juventudes contemporâneas. Estamos no tempo da horizontalidade, isto é, o processo de aprendizado acontece com o docente e o aluno, no mesmo patamar (COUTINHO E LISBOA, 2011). As juventudes trazem consigo novas maneiras de se aprender e novos conteúdos a serem trabalhados. Por este motivo, torna-se cada vez mais importante uma gestão escolar igualitária e aberta, fortalecida nas relações entre alunos e professores, entre docentes e diretores e outros funcionários, pois se torna fator decisivo para o ambiente escolar mais produtivo e saudável (ABRAMOVAY, 2004).



Não é de hoje que a educação de jovens no Brasil distancia o discente da produção de conhecimento e desconsidera as vivências. E talvez por isso, não por acaso, o ensino médio — que compreende justamente o período em que as juventudes estão na escola — também continua sendo o momento com maior índice de evasão. Os números oficiais indicam que o abandono da sala de aula é alto entre os jovens no período do ensino médio, em cerca de 30,7%. A Pesquisa Anual por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) revelou que, embora entre 2017 e 2018 o índice de jovens acima de 25 anos ou mais que tinha concluído a última etapa escolar tenha subido de 46,2% para 47,4%, a evasão neste período seguiu alta, em 30,7% (incluindo alunos atrasados e os que deixaram de ir à escola) (IBGE, 2019). Outro dado recente e relevante é a queda de 4,34% no número de matrículas no ensino médio nos colégios públicos do país em 2019, na comparação com o ano anterior. Foi o período escolar com pior desempenho, segundo o Censo Escolar, divulgado no mês de dezembro de 2019. No total, foram 6.192.819 estudantes matriculados nesta etapa durante 2019 (INEP, 2019). É justamente no ensino médio que o jovem vai formar sua identidade e o protagonismo deve ser estimulado dentro e fora da escola.

A educação se torna libertária quando constrói saberes que têm relação com o dia a dia do discente. Como o docente irá atrair as mentes e os corações dos estudantes se o conhecimento ainda for depositado de forma vertical? Não é de se estranhar que, para um jovem imerso em uma cultura digital por meio da qual perpassam redes e conexões horizontais de aprendizado, seja tão difícil permanecer envolvido com as disciplinas. Para mudar este cenário o primeiro passo é ouvir o que o estudante tem a dizer. A escola tem que perceber o estudante e, assim, reinventar seus processos, fomentando atividades que gerem cidadãos protagonistas da sua comunidade e que tenham a capacidade de inventar, intervir e problematizar (GAIDARGI, 2019). É justamente na educação formal que deve ser estimulada a curiosidade do jovem. Para fazer isso, é preciso trazer para perto, junto à prática pedagógica, as experiências deste jovem fora da sala de aula. Uma das colocações mais emblemáticas do filósofo Paulo Freire resume bem a dinâmica que a escola deve assumir: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria construção” (FREIRE, 2011, não p.). Deve haver reciprocidade entre professor e aluno e isso se constrói



essencialmente a partir do diálogo. Assim torna-se possível observar as percepções do discente sobre cada temática abordada no quadro negro. Jesús Martín-Barbero define poeticamente:

Dialogar é descobrir na trama de nosso próprio ser a presença dos laços sociais que nos sustentam. É lançar as bases para uma posse coletiva, comunitária, do mundo. A palavra não é um mundo à parte, mas faz parte da práxis do homem: ‘a justiça é o direito à palavra’, pois é a possibilidade de ser sujeito em um mundo onde a linguagem constitui o mais expressivo lugar do ‘nós. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 33-34)

É com o diálogo e compreendendo os meios pelos quais os jovens se conectam que a escola vai sustentar sua posição central. O audiovisual, a partir do olhar trazido pelo cinema, pode ampliar a função social da escola de produzir cultura. Em Curitiba, a Olimpíada Filosófica organiza uma mostra de vídeos de estudantes do ensino médio produzidos nas aulas de Filosofia. O evento é organizado desde 2011 por professores da rede pública de ensino da capital paranaense. Durante todo o ano, os estudantes são orientados nas aulas de Filosofia a produzir vídeos a partir dos conceitos da disciplina, trazendo sempre o olhar para o cotidiano. Como parte do projeto desenvolvido durante o mestrado em Comunicação e Formações Socioculturais defendido em 2020 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR, a pesquisadora entrevistou jovens que participaram da atividade e analisou os vídeos produzidos por eles. Este artigo tem como objetivo revelar que a análise crítica da narrativa, proposta por Luiz Gonzaga Motta, se propõe a ser um instrumento para análise dos vídeos, que indicam o refinamento do olhar dos estudantes para diferentes aspectos da realidade. A análise, por sua vez, teve como objetivo identificar as principais narrativas presentes nos materiais.

2 O audiovisual em sala de aula

O saber eternizado nos livros permanece sendo o meio principal de aprendizagem na escola. Isto não é, em si só, um problema. A questão que se levanta aqui é que o audiovisual — com toda a sua potencialidade — ainda é tido como mero coadjuvante, um complemento a outras ações educativas. Assistir e produzir a vídeos



deve ser visto como tão importante para o desenvolvimento cultural e educacional dentro da sala de aula quanto ler livros (DUARTE, 2002). Usar o vídeo e a linguagem cinematográfica na aula aprimora a “competência para ver e nos permite usufruir melhor e mais prazerosamente da experiência com filmes” (DUARTE, 2002, não p.).

A escola necessita rever o conceito de que é só por meio da escrita que se produz conhecimento. Essa cultura caracterizada pela autora Cristina Costa como burguesa, difere totalmente daquela globalizada, que se baseia não apenas em um formato de linguagem, mas na multiplicidade deles (COSTA, 2013). A linguagem composta por imagens e sons é tida ainda como pouco precisa e, assim, permanece distante da racionalidade. No entanto, o audiovisual é capaz de impactar o telespectador, criando um vínculo mais instantâneo que a leitura (devido à exigência do processo de decodificação).

Apesar de trabalhar essencialmente com a linguagem audiovisual, o cinema também integra o uso da escrita, para a produção do roteiro, por exemplo. Desta maneira, o cinema em sala de aula é capaz de ampliar a função social da escola de participar e produzir cultura, não somente repetir aprendizados por vezes defasados (ALMEIDA, 2001). Entre as competências que o uso do audiovisual em sala de aula pode estimular nos estudantes segundo Marcos Napolitano (2018), estão: a leitura e escrita (como a produção de roteiros antes da gravação de vídeos); capacidade de “decodificar códigos não verbais” (NAPOLITANO, 2018, não p.); conseguir analisar criticamente aspectos sociais, culturais, políticos e, por que não, ideológicos da sociedade atual; alimentar a criatividade e a capacidade de abstração e filosófica; por fim, ser capaz de olhar com sensibilidade e crítica filmes da grande indústria e, assim, saber consumir cultura de forma mais crítica.

O grande problema das escolas é que, quando um professor decide utilizar a linguagem audiovisual, quase sempre envolve a atividade “assistir a um filme” que, por sua vez, só é escolhido pelo uso que poderá ser feito na disciplina. No entanto, o audiovisual pode se tornar uma ferramenta de articulação dos saberes, quando impulsiona o processo de autoria por parte dos estudantes e o protagonismo. Ao compreendermos a abrangência de como o cinema age na produção de conhecimento abrimos espaço para o entendimento de que a escola não é mais a única detentora da



transmissão de saberes. Além disso, ao afirmarmos que um filme ganha significado gradualmente — a partir da junção dos “modos de ver do grupo de pares” e ainda diante dos “diferentes tipos de discursos produzidos em torno dos filmes” — podemos estipular que, então, existe a possibilidade de “ensinar a ver” (DUARTE, 2002, não p.).

É essencial ressaltar que, ao utilizar em sala de aula a linguagem audiovisual, a escola promove um processo pedagógico muito mais afetivo, englobando uma comunicação mais inclusiva (COSTA, 2013). Inclusiva porque o desenvolvimento do olhar acontece sem muito esforço. Segundo a autora:

A experiência diária, o amadurecimento psíquico e o fortalecimento da identidade vão fazendo do olhar um mecanismo cada vez mais competente na relação que mantemos com o mundo. Por isso, a compreensão visual do mundo é mais abrangente e não coloca entre as imagens e os observadores nenhum obstáculo intransponível. (COSTA, 2013, p. 39)

Ao entender a visão do outro por meio do vídeo, o estudante é estimulado a desenvolver a humildade e a empatia pelo próximo, tolerando as diferenças e percebendo a parcialidade do olhar (COSTA, 2013). É inegável o fato de que, devido à de todos esses fatores, os estudantes acabam tendo mais facilidade em aprender com o vídeo. O contato com esse tipo de linguagem também acaba sendo frequente por meio do próprio celular. Desta forma, a tecnologia acaba acentuando as relações mediadas pelas telas. Neste processo, a cultura é reconfigurada e se torna ao mesmo tempo local e global. Local quando permite que o estudante tenha contato com realidades diferentes dentro da própria comunidade por meio de vídeos e das redes sociais digitais. Global porque é a mesma ferramenta — a Internet e as mídias online — que permite que o jovem esteja a par do que acontece em qualquer lugar do planeta (COSTA, 2013). Desta forma, “as mídias tornam-se assim cotidianas, afetivas e íntimas, envoltas num humanismo tardio em que o homem vai pouco a pouco deixando de ser o centro de todas as coisas” (COSTA, 2013, p. 166).



2.1 A Olimpíada Filosófica em Curitiba

A partir da concepção de que o audiovisual pode impulsionar o protagonismo juvenil, professores de Filosofia da rede pública de ensino paranaense decidiram criar uma mostra de vídeos batizada de Olimpíada Filosófica. O evento nasceu a partir da inquietação de um grupo de docentes. Durante todo o ano letivo, os professores trabalham os conceitos filosóficos em sala de aula e, na sequência, os estudantes são divididos em grupos e estimulados a produzir vídeos com base em situações do cotidiano. A proposta é aproximar as ideias dos grandes pensadores ao dia a dia dos discentes. No final do ano, os professores que desejarem podem se inscrever na olimpíada.

O evento ocorre em Curitiba desde 2011 e reúne estudantes de todo o Paraná, a maioria do ensino médio e de colégios públicos. A iniciativa é organizada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Ensino da Filosofia da Universidade Federal do Paraná. Na edição realizada em 2019, foram cerca de 280 vídeos analisados de estudantes de 15 colégios. Os trabalhos são avaliados por uma equipe de pesquisadores do núcleo e, os selecionados, são exibidos na Olimpíada Filosófica. Na edição de 2019 o evento ocorreu no campus da Educação da UFPR, na capital.

Depois de compreender como funciona a organização da Olimpíada Filosófica, a pesquisadora selecionou vídeos produzidos por estudantes do ensino médio de três colégios públicos que participam das atividades desde a criação do evento. Foram escolhidos os Colégios Estaduais Amyntas de Barros e Professora Ottília Homero da Silva, ambos ficam em Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba, e o Colégio Estadual do Paraná, na capital paranaense.

3 Análise crítica da narrativa

Foram analisados seis vídeos produzidos pelos estudantes dos três colégios. A duração dos materiais varia de 4 minutos e 32 segundos até 8 minutos e 44 segundos. Para observar os vídeos a pesquisadora utilizou a análise crítica da narrativa, a partir do livro homônimo do professor e pesquisador da Universidade de Brasília, Luiz Gonzaga Motta. A obra é um manual metodológico que parte da fenomenologia e segue na linha



da narratologia. O autor define o termo como: “estudo dos processos de relações humanas que produzem sentidos através de expressões narrativas, sejam factuais ou ficcionais” (MOTTA, 2013, p. 41). Segundo ele, é a partir da narratologia que se torna possível compreender como os sujeitos constroem significados pela representação narrativa do mundo real.

Aqui é importante destacar conceitos trazidos por Motta que auxiliaram o desenrolar das análises. O primeiro deles diz respeito à definição de narrativa. De acordo com o pesquisador, toda narrativa busca, de alguma maneira, seduzir o leitor, ouvinte ou telespectador, trazendo de forma implícita intencionalidades do autor. Narrar, portanto, é “uma forma de dar sentido a vida” (MOTTA, 2013, p. 11). A intenção é transformar em familiar o que anteriormente não era.

A análise crítica da narrativa deve seguir alguns passos, denominados por Motta (2013) de movimentos, que devem ser realizados na sequência:

- **Compreensão da intriga:** fazer um resumo da história, com detalhamento das situações de virada, pontos de maior tensão na narrativa, quais conflitos tratados e quais personagens.
- **Compreensão da lógica narrativa:** perceber quais estratégias foram usadas pelo narrador para seduzir ou gerar determinados sentidos no interlocutor (convencê-lo de algo). A intenção é que sejam avaliadas a articulação do narrador para criar as cenas, as tensões e os pontos de clímax para, conseqüentemente, conseguir uma resposta emocional do interlocutor, uma reação de quem assiste.
- **Compreensão da perspectiva:** perceber o enquadramento das cenas, os pontos de vista e as perspectivas do narrador. O conflito principal no qual a história se constrói e as situações que surgem na sequência.
- **Definição dos personagens:** a compreensão do papel de cada personagem e das suas características.
- **Observação das estratégias argumentativas:** diferenciar as narrativas realistas das ficcionais. A primeira permanece no jogo constante entre a veracidade e os efeitos que trazem sentido (como a emoção, a ironia etc.). A retórica costuma trazer significados diversos (polissemia), em diferentes vozes (polifônica),



transitando entre a objetividade e a subjetividade, entre a conotação e a denotação, entre a linguagem poética e a realista. As estratégias argumentativas se tornam, portanto, menos evidentes.

- **Permitir às metanarrativas aflorarem:** distinguir o fundo moral ou ético no qual a narrativa se desenrola. É nesta etapa que deve ser analisado como ocorre a disputa de poder entre as vozes do narrador e dos próprios personagens.

Cada vídeo passou por uma análise individual. Os movimentos propostos por Motta podem ser resumidos de acordo com a imagem que segue abaixo:



Imagem 01: Movimentos da análise crítica da narrativa

Fonte: Motta, 2013

4 Análise dos vídeos produzidos pelos estudantes

Todos os seis vídeos analisados apresentam elementos que indicam uma tentativa de interpretar o mundo fora do senso comum. Os personagens protagonistas e os enredos revelam a intenção dos estudantes de ir além da causa e efeito e do que é familiar (BAUMAN, 1990; ALVES, 1981). Um dos vídeos analisados, batizado de *O Fantasma* deixa claro subsídios desta tentativa de ruptura a partir da presença do



fantasma, que questiona, que critica o eu (personagem principal) e que traz à tona um novo conhecimento (de Freud) que não necessariamente “resolve” o conflito inicial. A parte final também marca essa visão: nem sempre o que interpretamos nas atitudes das outras pessoas corresponde a realidade (existem projeções que podem influenciar nisso, como a que foi caracterizada no vídeo). Os estudantes lançam mão de elementos fantasiosos (o fantasma, a ilusão) para explicar um conceito novo, o da projeção. O formato da narrativa foi a maneira encontrada pelos estudantes de mostrar as percepções de mundo (MOTTA, 2013).

O enredo traz a história de um jovem que se depara com ele mesmo no formato de um fantasma. O vídeo começa com o jovem indo até o psiquiatra e sendo questionado sobre o que estava acontecendo. O rapaz fecha os olhos e parece ir para a sua própria imaginação. Ele surge com os colegas em sala de aula. Todos conversam sobre como fazer um trabalho escolar. O jovem protagonista termina a conversa e vai pra casa, mas acompanhado de um fantasma (que é encenado com um lençol inteiramente branco). Chegando em casa, o rapaz fica muito tempo assistindo à televisão na companhia do fantasma até que ele recebe uma mensagem no celular dizendo “Você está fora do trabalho”. Ao mesmo tempo em que o jovem fica irritado, o fantasma começa a falar com ele, acusando-o que ele não é nada, nem deveria ter nascido. O fantasma diz então que eles são a mesma pessoa (IMAGEM 02).



Imagem 02: Captação do vídeo

Fonte: O Fantasma, 2019

O jovem fica nervoso e vai tirar satisfação com os colegas. No fim os amigos nem estariam desapontados com o rapaz e não tinham enviado mensagem alguma.



Mesmo assim, acabam discutindo e batendo nele e deixam o corpo estendido no chão, indo embora na sequência. Neste momento o jovem abre os olhos e a cena é dele novamente no consultório, deitado no divã. O psiquiatra explica que o que acontece com ele é um fenômeno estudado por Freud chamado projeção. O rapaz estaria com raiva de si mesmo e teria projetado a raiva nos colegas. Por fim, o rapaz chega à conclusão de que a culpa era toda dele e o médico concorda. O protagonista encerra com “ainda bem”, aliviado por ser o “culpado” e não a vítima.

As cenas apresentadas no vídeo variam do equilíbrio ao desequilíbrio, trazendo ainda o suspense, o tédio, a angústia, o desconforto, o alívio e a aceitação. O protagonista (paciente) se depara no decorrer da história com o antagonista (fantasma), que por sua vez, segue todas as características tradicionais (está “vestido” com um lençol branco, é “do mal”, sincero e crítico). O vídeo traz como fundo a questão da projeção conceituada pelo criador da psicanálise, Sigmund Freud. De alguma maneira, os sentimentos do protagonista são reprimidos.

Outro material analisado, intitulado de *Mito da Caverna nos Dias de Hoje* explica a metáfora de Platão fazendo uma ponte entre a internet, o celular e televisão, com a influência das redes sociais digitais. O material produzido pelos estudantes se desenrola com foco nos influenciadores. O debate ético traz como dilema a dualidade da vida no meio digital: as postagens podem “viciar” os influenciadores na aceitação dos visitantes (por meio dos *likes*) e podem iludir quem é influenciado. O final do vídeo propõe caminhos para solucionar o problema, como passar menos tempo no celular. A prática da gravação deste vídeo revela que é justamente no compartilhar dos saberes, refletindo sobre padrões e modelos existentes, que o jovem se torna capaz de construir novas interpretações do mundo (SETTON, 2011). Na última frase dita pela narradora fica evidente um fundo moral, apontando que temos o “dever de sair da nossa caverna e espalhar a verdade”. O dever e a verdade são questões subjetivas que ficam em aberto. Por esses motivos, é possível afirmar que este vídeo apresenta um certo olhar para a desfamiliarização da realidade mas, na conclusão, retorna para o ponto inicial – o que já se é sabido pelos estudantes, as vivências, os pontos de vista já estabelecidos anteriormente. O vídeo é uma animação. Uma mão desenha em uma tela branca e uma narradora traz explicações sobre o mito. O vídeo faz analogias entre o mito e a



contemporaneidade: as sombras projetadas descritas por Platão podem ser interpretadas nos dias de hoje como o exemplo dos influenciadores (IMAGEM 03).



Imagem 03: Captação do vídeo

Fonte: O Mito da Caverna nos Dias de Hoje, 2019

Os desenhos feitos à mão ilustram o roteiro: no momento em que é tratado sobre os influenciadores, é desenhado o rosto de uma jovem triste com as palavras status social, beleza, ostentação, popularidade e perfeição ao fundo. A narradora fala que é possível se libertar deste ciclo: que os padrões de beleza não são mais importantes que o desejo de se sentir bem consigo mesma. Passar menos tempo no celular e repensar atitudes fortalecem a autoconfiança. Como conclusão, a narradora diz que o Mito da Caverna se aplica a questões atuais. Muitas pessoas ficam presas em suas mentes. Encerrando o vídeo, com o desenho da mesma personagem inicial, mas agora sorrindo, a narradora fala que somos seres livres para pensar e agir e termina com a frase "temos o dever de sair da nossa caverna e espalhar a verdade".

Todas as cenas construídas a partir dos desenhos numa tela em branco são bem didáticas, trazem o significado de direcionamento, explicação. Em alguns momentos os desenhos destacam os sentimentos de tristeza, ansiedade, pessimismo, dúvida. O conflito principal é a vida padronizada dos influenciadores digitais que pode ser problemática, trazendo consequências para outros jovens. O material carrega a mensagem de que o influenciado não deve ficar preso a essas falsas imagens e o influenciador também não deve depender das curtidas para se sentir aceito.



5 Considerações finais

A análise crítica da narrativa dos vídeos produzidos pelos estudantes do ensino médio a partir dos conceitos de Filosofia alinha ideias debatidas por pesquisadores da Educação e da Comunicação à prática em sala de aula. A proposta de que o discente só se tornará protagonista do conhecimento quando for parte dele é percebida na atividade da produção de vídeos por alunos participantes da Olimpíada Filosófica. A elaboração do roteiro e a gravação coloca o estudante no centro do aprendizado.

É importante destacar o papel primordial do docente neste processo. Cabe ao professor conhecer os alunos e desenvolver a atividade a partir das vivências apresentadas por eles. Os vídeos feitos pelos estudantes trazem temáticas, como as que foram apresentadas na análise, que envolvem o psicológico, os relacionamentos interpessoais, os desafios das juventudes e as vulnerabilidades. Entender que a realidade do jovem interfere e qualifica a prática na escola contribui para que a didática seja frutífera: o estudante passa a interpretar o mundo ao redor, exercitando a Filosofia com olhar para o cotidiano.

A partir da análise dos vídeos produzidos pelos jovens do ensino médio da rede pública foi possível perceber que o audiovisual em sala de aula pode ser uma ferramenta importante para aprimorar a visão crítica de mundo dos discentes. Todos os vídeos analisados apresentaram elementos que indicavam ao menos uma tentativa de desconstruir conhecimentos de mundo oriundos do senso comum. A prática de produção dos vídeos impulsionou a busca por visualizar o conhecimento no dia a dia, não compartimentalizando o saber, mas envolvendo-o com as vivências típicas da idade. É necessário ponderar também que, antes de gravar os vídeos, os estudantes necessitam escrever o roteiro. Ao elaborar as ideias no papel, é possível desenvolver também a escrita na disciplina. Os jovens se baseiam ainda em textos filosóficos e, assim, também necessitam ler. Desta forma, a didática proposta pela Olimpíada Filosófica desenvolve nas turmas todas as competências descritas por Napolitano (2018), entre elas a leitura e a escrita, a sensibilidade e a capacidade de analisar diferentes aspectos da vida em sociedade.



Referências

ABRAMOVAY, Miriam (coord.). **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. Brasília: Unesco, Ministério da Educação, 2004.

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2001.

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência: Introdução ao Jogo e suas Regras**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BAUMAN, Zygmunt, MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2013.

COUTINHO, Clara; LISBOA, Eliana. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. **Revista de Educação**, v. 18, n. 1, p. 5-22, 2011.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. São Paulo: Editora Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre a educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

GAIDARGI, Alessandra. **Educação para as mídias no ensino médio: Perspectivas para o Século XXI**. São Paulo, 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD Contínua 2018: educação avança no país, mas desigualdades raciais e por região persistem**. Brasília, 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24857-pnad-continua-2018-educacao-avanca-no-pais-mas-desigualdades-raciais-e-por-regiao-persistem>>. Acesso em: 29 jul. 2019.



INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resultados e resumos Censo Escolar 2019**. Brasília, 2019. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos>> Acesso em: 4 jan. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2018.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2011